



## A reflexividade de *SE* pelo viés da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas

*The Theory of Predicative and Enunciative Operations point of view on the reflexivity of SE in Brazilian Portuguese*

Fátima Grazielle de Souza<sup>1</sup>

Secretaria do Estado de Educação de Mato Grosso

Albano Dalla Pria<sup>2</sup>

Universidade do Estado de Mato Grosso

♦ **RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo o estudo da reflexividade atribuída ao pronome *SE* como o produto da dinâmica de contextualizações enunciativas em que a unidade se insere. Para tanto, fundamentamos o desenvolvimento da pesquisa na proposta de Antoine Culioli, proponente da Teoria das Operações Predicativas Enunciativas (CULIOLI, 1990, 1999a, 1999b). Nosso objetivo foi sustentado pela análise operatória do marcador *sacrificar*. Concluímos que, a reflexividade de *SE* é dependente das marcas de asserção do contexto encaixante que permite passar de uma possível reflexividade (projeção de predicado) para uma reflexividade de fato (ocorrência de predicado). Posto isto, insistimos que o valor reflexivo está fundamentado na experiência variável dos sujeitos e que esses projetam tal valor no *SE*, na situação de produção e interpretação de textos, quer dizer na situação de prática de linguagem.

♦ **PALAVRAS-CHAVE:** *SE*; Sacrificar; Reflexividade; Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas.

♦ **ABSTRACT:** This paper aims to study the reflexivity attributed to the pronoun *SE* as the product of the dynamics of enunciative contextualization's in which it is inserted. The development of this research is based on Antoine Culioli's Theory of Enunciative Predicative Operations (CULIOLI, 1990, 1999a, 1999b). Our objective was supported by the operative analysis of markers *sacrificar*. The reflexivity of *SE* is dependent on the assertion marks of the enclosing context that allows moving from a possible reflexivity (predicate projection) to a de facto reflexivity (predicate occurrence). The reflexive value is based on the subjects' variable experience, and that they project such value on the *SE*, in the situation of production and interpretation of texts, that is, in the situation of language practice.

♦ **KEYWORDS:** *SE*; Sacrificar; Reflexivity; Theory of Enunciative Predicative Operations.

<sup>1</sup>Doutora em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres. Membro do Grupo de Pesquisa CNPq: Variação e invariantes na linguagem. Professora de Língua Portuguesa, lotada na Secretaria de Estado de Educação – SEDUC/MT. E-mail: [fatima.graziele@unemat.br](mailto:fatima.graziele@unemat.br)

<sup>2</sup>Pós-doutor pela Universidade Nova de Lisboa. Docente do Curso de Letras da UNEMAT/Cáceres e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UNEMAT/Cáceres-MT. Coordenador do Grupo de Pesquisa CNPq: Variação e invariantes na linguagem. E-mail: [albano.pria@unemat.br](mailto:albano.pria@unemat.br)

## 1. Primeiras Palavras

[...] no início é o olhar que interroga as coisas.  
(MERLEAU-PONTY, [1964] 2014, p. 105).

Na esteira do raciocínio em epígrafe compreendemos que a interrogação é a bússola do caminhar humano. Valendo-nos de uma das máximas saussurianas (SAUSSURE, [1916] 2006, p. 15), acrescentamos que “é o ponto de vista que cria o objeto”. O olhar do observador diante dos fatos da língua determina o modo como o objeto pode ser interrogado. Cite-se, como exemplo, a partícula *SE*, que tem lugar cativo e controverso na vasta bibliografia dos estudos gramaticais e linguísticos.

Dito isso, direcionamos nosso olhar para a seguinte indagação: o valor reflexivo é um dado para o pronome *SE* ou esse valor é um construto da atividade de linguagem (produção e o reconhecimento de formas) dos sujeitos enunciadorees?

A tradição lógico-gramatical define o valor do pronome *SE* como sendo a expressão da reflexividade (uma categoria), na língua portuguesa, em certos contextos que leva em conta forma (morfologia) e posição (sintaxe) numa dada sequência linear. Nessa perspectiva assume-se que: primeiramente, temos uma estabilidade fundamental entre a unidade e o valor; secundamente, temos uma estabilidade fundamental nas relações intersubjetivas. Em suma, a linguagem está fundamentada pela estabilidade. Quais as implicações de tal posicionamento?

Uma vez que a relação entre a unidade e o valor não flutua, também não há espaço para se observar alguma margem de modulação do conteúdo (variação espaço-temporal) ou para se observar a asserção (variação nos modos de validação; variação nas tomadas de posição sobre o conteúdo). Não levar em conta os processos pelos quais as sequências linguísticas se determinam de um certo modo, e não de outro, implica deixar de considerar a atividade de linguagem dos sujeitos no processo de determinação semântica das sequências linguísticas, tal como ocorre em alguns estudos gramaticais. Ratifica-se a intuição de que a ligação entre a base argumental e a predicativa ou entre os termos de uma dada construção são um dado, e não um construído, ou que são necessárias, e não uma possibilidade.

Posto isso, argumentamos que o valor reflexivo é alcançado pela relação de *SE* com as demais unidades constitutivas do enunciado. Assumimos como hipótese que o valor reflexivo está fundamentado na experiência (variável) dos sujeitos com o mundo e com a linguagem e que esse valor é projetado pelos sujeitos enunciadorees sobre o *SE*, embora nem sempre essa projeção se confirme pela prática de linguagem dos próprios sujeitos que, ao lidar com o empírico (propriedades das noções semânticas; relação entre noções semânticas; relação entre o eu e o outro), em cada situação particular de diálogo, por vezes encontram obstáculos para a construção das suas projeções acerca de como se encontra organizada a relação entre o mundo (propriedades psicossociais) e a linguagem.

Entre esta Introdução e a Conclusão, outras duas seções compõem este trabalho. Na seção que segue, apresentamos um breve recorte dos estudos gramaticais acerca da reflexividade de *SE*. Na seção que antecede à Conclusão, oferecemos ao leitor uma síntese mais extensa do projeto teórico de Antoine Culioli, divulgada no Brasil como



Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), instrumento teórico metodológico que subsidiou as manipulações para o marcador *sacrificar-se*.

## 2. Em busca da definição de *SE* reflexivo

O objeto de interesse de nossa reflexão é a partícula *SE*, considerada camaleônica na língua portuguesa, ora classificada, morfológicamente, como conjunção, ora como pronome.

Por se tratar de um elemento multifuncional, o *SE* tem recebido muita atenção na literatura. Portanto, discriminaremos alguns argumentos construídos por nobres estudiosos ao “defender esse ídolo a que se chama *se*” (SAID ALI, 2008, p. 113, grifo no original).

O questionamento do discurso tecido pela gramática tradicional pauta-se nas descrições e análises prototípicas em que se supõem abarcar o funcionamento da partícula *SE*, procedimento que origina opiniões díspares e extremamente homogêneas. Se a pretensão inicial é recortar ocorrências enquanto ‘suprassumo’ de um dado valor, com objetivo de descrever invariantes estáticas ou classificatórias, derivadas da observação da superfície (arranjos léxico-gramaticais) da língua, notamos que a partícula *SE* é “rebelde” aos moldes clássicos. Dizemos isto porque encontramos lacunas nas explicações que têm a ordem e estabilidade por fundamento e cuja finalidade é “disciplinar” os observáveis.

Essa constatação conduz-nos ao “céu” e ao “inferno”. O recorte sincrônico, ao incidir sobre a superfície da língua, elege um valor representativo, determina como a estrutura linguística é de antemão e antecipa o próprio fenômeno. Não se questiona como a estabilidade observada foi construída, como ocorre o processo de determinação da significação. Em face dessa perspectiva, lembramos que sempre corremos o risco da escolha inadequada. Qualquer opção tem um custo e implica esforço do sujeito. Destarte, questionamos: Como fazer opções em meio a domínios tão heterogêneos?

Em uma breve referência aos estudos históricos, mencionamos fato unânime: as gramáticas latinas descrevem o pronome *SE* como um termo linguístico com valor reflexivo. No *Compêndio de Gramática Latina*, encontramos a aceção de que “o pronome reflexo refere-se ao sujeito da oração de que faz parte” (ALMENDRA, FIGUEIREDO, 1999, p. 70). Notemos que se afirma que a partícula *SE* marca a identidade entre sujeito e objetos gramaticais.

Ribeiro (1920), ao discorrer sobre os pronomes pessoais da terceira pessoa, aponta o uso do pronome *SE* como reflexivo, dizendo que:

[...] a fôrma da terceira pessoa pronominal denomina-se pessoa reflexiva, que é a que ocorre no *discurso indicando relação de identidade com o sujeito*. Esta pessoa é determinada pelos acusativos das duas primeiras, *me*, *te* e por uma fôrma *se*. (RIBEIRO, 1920, p. 27, grifo nosso).

Vejamos que a reflexividade, na percepção do gramático, diz respeito à identificação da pessoa do sujeito com o complemento verbal, que se constrói mediante o uso dos pronomes *me*, *te*, *se*. Na concepção do estudioso, basta o uso de *SE* para se recuperar a função anafórica de sujeito sintático da frase cuja nomeação é de reflexivo.

Por sua vez, Said Ali (1966, p. 51), na *Gramática Elementar da Língua Portuguesa*, explicita que a reflexividade consiste no uso do

pronome oblíquo que se refere ao próprio sujeito. As formas oblíquas dos pronomes pessoais *eu, tu, nós* e *vós* servem igualmente de pronomes reflexivos. Para a 3ª pessoa e para os tratamentos *o senhor, você*, etc., existe como reflexivo *se, si, consigo* (SAID ALI, 1966, p. 51).

Cite-se como exemplo: Ele fere-*se* (ou a si mesmo); Você fere-*se* (ou a si mesmo).

A temática da reflexividade é tratada por Azeredo (2008) na seção que se dedica às vozes verbais, descrita como

[...] a forma sintática que o predicado assume para atribuir um papel semântico ao respectivo sujeito. Nossa definição deixa claro que a voz, diferentemente, das noções de tempo-modo e número-pessoa, não se expressa por meio de flexões do verbo e, portanto, não faz parte de sua morfologia. Qualquer verbo é susceptível do sistema de vozes de variação mórfica para a expressão de tempo-modo e número-pessoa, *mas somente os verbos transitivos diretos participam de construções do predicado relacionadas com distinções de voz*. A voz é expressa por um sistema de recursos sintáticos que definem certos padrões formais do sintagma verbal (AZEREDO, 2008, p. 270, grifo nosso).

O gramático argumenta que o verbo pode atribuir papéis semânticos ao sujeito (agente, paciente, instrumento, lugar, neutro) por meio de sua semânticidade e pela estrutura sintática. Porém, uma restrição é colocada pelo estudioso ao afirmar que somente as construções de predicado com verbos transitivos diretos são passíveis de classificação pelo mecanismo da diátese.

Desse modo, em Azeredo (2013, § 353<sup>3</sup>) encontramos três classificações para a diátese verbal: “voz ativa” em que o sujeito assume o papel semântico de agente; “voz passiva” em que o sujeito tem o papel semântico de paciente; “voz média” ou “reflexa” em que o sujeito denota um indivíduo que ao mesmo tempo produz e recebe a ação. Como explicitação mencionam-se os exemplos: *Os policiais retiraram Antônio da sala*, em que o sujeito *os policiais* tem o papel de agente; um caso de voz ativa; *Antônio foi retirado da sala (pelos policiais)*, em que *Antônio* tem o papel de paciente por força da construção “ser + participio” (foi retirado), e um caso de voz passiva: *Antônio retirou-se da sala*, em que o sujeito *Antônio* corresponde ao indivíduo que, concomitante produz e recebe a ação de retirar.

Bechara (2010, p. 144, grifo nosso) pontua que a reflexividade consiste, em “essência, na inversão ou (*negação*) da transitividade da ação verbal”. A ação denotada pelo verbo não passa a outra pessoa, mas reverte-se à pessoa do próprio sujeito, que se torna agente e paciente ao mesmo tempo. Como exemplo oferece a oração, *João se banha*, em que a experiência de mundo do sujeito interpretante admite a hipótese de João banhar a si mesmo e João banhar outro diferente de si, como na oração, *João banha o filho pela manhã*. No entanto, a reflexividade propriamente ocorre somente na primeira interpretação.

O gramático adverte que o significado construído em língua pode se desdobrar em outras acepções, especialmente nas ocorrências com o pronome *SE*, dependendo das unidades linguísticas e suas combinações em dado contexto situacional. Para tanto, introduz a categorização de “reflexividade recíproca”, que não é um valor próprio da língua, por ser dependente de interpretações contextuais.

Essa constatação corrobora a assertiva de que a reflexividade recíproca se constrói não porque a ação do sujeito se reverte sobre si mesmo, mas porque temos uma

<sup>3</sup> Utilizamos a versão *e-book* da obra de Azeredo (2013) organizada em parágrafos suprimindo-se as páginas.

relação de identidade entre sujeito e objeto, como em, *João e Maria se amam*, em que ambos são, simultaneamente, agentes e pacientes da ação de amar.

Para endossar essa hipótese, Bechara (2010) cita os exemplos: *João e Maria se miram* e *João e Maria se miram no espelho*. Na concepção do estudioso, todo falante da língua portuguesa identificará por meio de interpretações contextuais, na primeira oração, uma reciprocidade de ação, enquanto, que na segunda, não se observará esse traço de reciprocidade, mas de reflexividade (João mira a si mesmo e Maria a si mesma).

A retomada dos argumentos dos gramáticos acima permite-nos observar como “é o ponto de vista que cria o objeto” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 15). A atividade do gramático por se construir num domínio heterogêneo, recorta ocorrências que julga ser o resultado expressivo de um determinado fenômeno (objeto).

Esses estudos pretendem construir uma descrição do sentido das formas linguísticas, assumindo como diretiva a concepção de que tais formas, em particular o *SE*, por veicularem sentido, incluem-se em uma dada categoria gramatical, a reflexividade. Observemos que ter sentido pressupõe ter estabilidade. Logo, *SE* tem o seu sentido dado de antemão e a noção de reflexividade sintetiza-se como:

a) a construção frasal com uso do pronome oblíquo na pessoa idêntica à do sujeito.

b) sintaticamente, orações em que os verbos tendem a ser transitivos, complementado, geralmente, por um objeto direto, representado pelos pronomes oblíquos, cite-se como exemplo, o *SE*.

c) semanticamente, orações em que o pronome oblíquo produz correspondência semântica entre sujeito e objeto, construindo, simultaneamente, dois papéis temáticos (agente e paciente).

Ressaltamos que os estudos gramaticais têm a pretensão do registro “fiel” das coisas relativas à língua. Certamente, isso traz consequências, tais como, “o projeto de uma língua puramente lógica, imune a tudo aquilo que, na língua comum, obscurece a estrutura dos enunciados” (PIERRE, [1963] 2009, p.64).

O problema da reflexividade esbarra em questões ainda insolúveis no domínio gramatical. Parece-nos que a reflexividade, ora é uma operação lexical responsável pela alteração da grade argumental do verbo, ora é uma operação sintática estabelecida entre um verbo e um pronome num processo anafórico e ora é o resultado do processo interpretativo da junção de operações que abarcam léxico e sintaxe.

No contexto dos trabalhos ora discutidos, observamos que Bechara (2009, 2010) sustenta a ideia de que a reflexividade corresponde à negação de transitividade, inversão da força transitiva. O estudioso avança, em relação aos demais autores listados, ao indicar que o contexto pragmático interfere na compreensão do enunciado. Outro ponto relevante consiste na ênfase de que *SE*, enquanto elemento multifuncional, pode se desdobrar em significações deflagradas ora pela sua combinação com outros termos linguísticos ora pelo contexto situacional.

No entanto, as reformulações propostas pelo estudioso se caracterizam pela especificação em subclasses, tal como observamos na sua definição para voz reflexiva. Ao introduzir novas etiquetas terminológicas, Bechara (2010) afirma que temos orações em que os termos apresentam valores próprios da língua. Nesse ponto, cabe um novo questionamento: o que é valor próprio de língua?

O exemplo disponibilizado pelo gramático, e que sustenta sua hipótese de “valor próprio da língua”, é a oração *João e Maria se amam* em que, independente da presença de *SE*, a ação denotada pelo verbo passa para outra pessoa. Questiona-se: por que a ação denotada pelo verbo não se reverteria à(s) pessoa(s) do(s) próprio(s) sujeitos? Por que

não se aplica a hipótese semelhante àquela empregada na oração *João se banha*? Não se pode inferir que, na oração *João e Maria se amam*, *João se ama* e *Maria se ama*? Não estaríamos diante de um caso de ambiguidade?

A lacuna interpretativa permanece<sup>4</sup>, pois não encontramos uma explicação do gramático para tal definição. Parece-nos que se pretende sustentar a hipótese de que o valor próprio de língua corresponde à possibilidade interpretativa que não é dependente da imersão da forma em um contexto situacional. A forma arrastaria, por si só, toda a potencialidade significativa. O sujeito, nesse caso, apenas interpretaria aquilo que já lhe foi dado de antemão.

Azeredo (2008, 2013), tal como Bechara (2010), propõe novas divisões para a voz reflexiva com foco no agente da ação. Para tanto, define como voz média o predicado em que o sujeito é o mesmo indivíduo que produz e recebe a ação. Todavia, o estudioso propõe uma restrição: somente o verbo transitivo direto participa da diátese. Coloca-se ênfase, novamente, nas relações sintáticas construídas fora de uma prática de linguagem. Emerge uma contradição. Afinal, se a condição para classificação pela diátese enfatiza que a transitividade só ocorre quando o agente da ação transforma o outro (transitivo direto), por que não se considera que o agente da ação pode se transformar (voz média)?

É preciso observar que o verbo no fenômeno da reflexividade ocupa papel secundário. As acepções dos manuais mencionados sustentam-se na afirmativa unânime de que a reflexividade se constrói mediante a presença de *SE*, seja com a presença obrigatória da partícula, seja com a presença acidental (quando o verbo é transitivo e o pronome se junta a ele para indicar reflexividade). Em suma, a reflexividade, propriamente dita, é um fenômeno construído inteiramente pela presença do pronome junto ao verbo. Destaca-se que os exemplos canônicos se repetem nas gramáticas, privilegiando-se formas verbais como: sacrificar, machucar, arrepende, queixar, ferir, banhar, amar, enfeitar, sentar, alegrar, dentre outras.

Por fim, a reflexividade atribuída ao pronome *SE* no domínio epistemológico da gramática tradicional valoriza as relações sintáticas e, independente da alternância dos critérios classificatórios ou da profusão de taxonomias, orienta que se reconheça o valor reflexivo da partícula como produto isolado.

### **3. A reflexividade de *SE* na articulação da atividade de linguagem com as línguas naturais**

Culioli (1990, 1995, 1999a, 1999b) define a linguística como o estudo da atividade de linguagem apreendida por meio da diversidade das línguas naturais. Considera-se, nessa direção, que as línguas, enquanto produto histórico, empírico, são o único caminho para acessar o domínio da atividade de linguagem, definida como a capacidade humana de representar, referenciar e regular.

Por esse viés, em TOPE, a reflexividade não tem a mesma visibilidade proporcionada pelos estudos gramaticais e algumas vertentes linguísticas. O modo como a TOPE define a linguagem não nos permite pinçar a reflexividade como o funcionamento da *langue*, dado que esta se define como autônoma quanto aos processos de construção da significação.

<sup>4</sup> Ressaltamos que Bechara (2010) é uma gramática escolar. Questionamos se “os manuais escolares utilizados na formação de crianças e jovens não estão mais confundindo os estudantes e promovendo uma limitação de raciocínio do que oferecendo encaminhamentos que ampliem o universo experiencial desses estudantes” (PRIA, 2009, p. 78-79).



A reflexividade enquanto atividade constitutiva do funcionamento das línguas, definidas como sistemas simbólicos de representação de significação construída pelos sujeitos em situação particular de diálogo, está diluída entre outras categorias da linguagem, tais como a determinação, a modalidade e o aspecto.

A reflexividade será compreendida, não como objeto homogêneo ou uma categoria (de língua) construída, mas como um objeto cujo valor é um construto da atividade de linguagem.

Dentro de tal perspectiva, assume-se que todo discurso é modalizado. Todo sujeito fala para o outro (diferente de si e igual a si). A articulação entre identidade e alteridade, faces de um mesmo movimento, rege o potencial de configuração do enunciado. Por isso, concebemos que cada forma enunciada resulta de particular equilíbrio mais ou menos estável em uma situação específica, tornando-se instável nos limites desta.

Tudo leva à afirmação, portanto, de que a linguagem é uma atividade de adaptação, podendo ser caracterizada como um suporte de equilíbrio entre as ações do sujeito sobre o meio e as ações inversas. Com efeito, na enunciação, observam-se as marcas de um sujeito que age sobre o meio e da adaptação do sujeito ao meio.

Em TOPE preocupamo-nos com a descrição dos processos de organização da representação que pressupõe ajustamentos nocionais, culturais e enunciativos. O mecanismo da determinação tem o objetivo de “dar forma”, “dar corpo” à representação mental e incorpórea de uma ocorrência de alguma coisa. Predicar a existência de alguma coisa implica, dentre outras coisas, dar-lhe corpo. Porque essa é uma condição para que qualificações ulteriores sejam feitas.

Ressalte-se que a determinação se constrói em língua enquanto resultado do trabalho do sujeito ao fazer dialogar unidades lexicais e gramaticas. Nesse caso, não diz respeito à classificação dos termos, mas, sim, ao conjunto de operações elementares que interferem no processo de determinação do sentido das unidades.

Pelos pressupostos culiolianos, a construção do termo “alguma coisa” refere-se à construção da representação de uma ocorrência no qual um sujeito pode apreender, discernir (como uma forma singular), distinguir (eliminar a indeterminação) e situar (no espaço-tempo).

Em outros termos, a determinação enfatiza que o processo de construção do enunciado é dialético e se efetua pela diferenciação ou identificação acerca de alguma coisa. Não temos uma categoria que vai diretamente da atividade languageira às formas da língua. Antes, são as formas da língua que remontam a ancoragem de uma noção em uma dada situação, resultado de um processo de equilibração que se estabelece mediante relações fundamentais: a alteridade (eu com o outro) e a identidade (eu com o mesmo).

A equilibração é constitutiva dos processos adaptativos em geral e dos processos enunciativos em particular. A existência do enunciado resulta dos ajustamentos entre um esquema formal, denominado léxis, que se antepõe ao enunciado, como possibilidade de representação, e o contexto encaixante, que se sobrepõe à léxis com marcas de asserção. Se, de um lado, as representações caminham numa dada direção, de outro lado, há direções para onde as representações podem ou devem caminhar. Consideremos a seguinte ocorrência:

(1) *A nova geração Homem de Ferro e o Capitão América foram os únicos dois heróis a terem um final definitivo em Ultimato. Enquanto que o Homem de Ferro se sacrificou, morrendo para derrotar Thanos com as Joias do Infinito, o Capitão América usou a tecnologia de viagem no tempo para viver o restante de sua vida com Peggy Carter*<sup>5</sup>.

Apresentamos nossa ilustração do esquema de léxis<sup>6</sup> que deu origem à primeira parte do enunciado de partida. Reiteramos que não se trata de uma forma pré-verbal, trata-se de uma relação primitiva, um projeto de predicado que possibilita a abertura a outros possíveis e assegura a interpretação do enunciado. Vejamos:

<a R b>  
<alguém ter sacrificado alguém> ou  
<um ato de sacrificar alguém por alguém>

A instanciação dos espaços formais <a R b> por noções semânticas no esquema primitivo, por si só já aponta para um horizonte de sentido. No caso, intui-se, a possibilidade ou não de se atribuir o predicado (sacrificar) para um dado argumento (Homem de Ferro). Do ponto de vista da relação inter ou entre sujeitos pode ter sido colocada em dúvida, por alguma razão, a atribuição de tal predicado ao argumento que, no trabalho de predicação, pode vir a determinar ou indeterminar a representação.

À vista disso, consideremos que, no enunciado recortado para nossa reflexão, o *sacrifício de alguém* (Homem de Ferro) vai se determinar dependendo do modo como as marcas assertivas do enunciado dialogam com o conteúdo a ser construído. Notemos que o projeto de predicado <alguém ter sacrificado alguém> ou <um ato de sacrificar alguém por alguém> não está validado em um enunciado como, *O Homem de Ferro se sacrificou de mentirinha*, porém, não deixamos de interpretar essa formulação. Isso ocorre porque, para além de uma relação predicativa, ainda temos uma relação primitiva <a R b> que sustenta o enunciado enquanto uma sequência linguística interpretável.

Ora, é interessante constatar que, dentro do esquema primitivo, não temos estabilizada a identidade daquele que sacrifica nem daquele que é sacrificado, haja vista que, a atribuição do predicado sacrificar que se constitui pela passagem das representações mentais em representações linguísticas implica a construção de um espaço topológico que atua como regulador no ajustamento intersubjetivo. Logo, temos um espaço de ajustamento e desvios, aproximações e distanciamentos entre as representações intra e intersubjetiva.

Advém desse fato a flexibilidade da atribuição de identidade dos termos instanciados na léxis em questão. A identidade de alguém (aquele que sacrifica), bem como de alguém (aquele que é sacrificado) refere-se a uma ocorrência em que um sujeito qualquer pode apreender, discernir (perceber como uma forma singular em relação a outras ocorrências), distinguir (eliminar a diferença) e situar-localizar no espaço-tempo (que pode inclusive ser imaginário).

Dada a léxis, forma-se uma relação predicativa, cuja motivação é a ordenação dos elementos nocionais a fim de que se gere um determinado efeito semântico. A

<sup>5</sup> Disponível em: <https://observatoriodocinema.bol.uol.com.br/artigos/2019/06/star-wars-9-precisa-de-um-final-mais-conclusivo-que-o-de-vingadores-ultimato>. Acesso em: 15 set. 2018.

<sup>6</sup> A léxis se organiza pelo preenchimento de três espaços vazios: um termo de partida  $\varepsilon 0$ , um termo de chegada  $\varepsilon 1$ , e um operador de predicação, relacional  $\pi$ . Em nosso trabalho optamos por usar a notação <aRb> para representação a léxis.



organização dos termos pela relação predicativa não é uma decisão aleatória, pois leva em conta pré-constructos, propriedades providas do mundo psico-físico-cultural compatíveis com aquilo que se busca predicar. Tais propriedades são distintas de um sujeito a outro, enquanto material obtido pela percepção fenomenológica e cognitiva.

Consideremos os exemplos a seguir:

- (2) *Pedro sacrificou o gado.*
- (3) *Sacrifiquei minha vida por Pedro.*
- (4) *Sacrifiquei meus dias no trabalho.*
- (5) *Maria sacrificou-se pelo filho.*

Na sequência (2) encontramos uma ocorrência de *sacrificar* com valor descritivo, cujo sentido se traduz por outros verbos tais como *abater* e *matar*. Já as sequências (3) e (4) e (5) remetem a uma avaliação subjetiva, cujo sentido se traduz por outros verbos, tais como *renunciar* e *prejudicar-se*. Nossa hipótese é de que o valor das unidades linguísticas não é fixo, incluindo-se o valor de *sacrificar*. O valor das unidades é projetivo. É o modo como a unidade é colocada em relação com outras unidades que vai dar corpo ao valor da unidade. Observe-se que o sentido de *sacrificar* decorre de sua relação com o tipo de nome que instancia o argumento interno do verbo, a depender se se trata de *gado*, de *vida*, de *férias* ou de *Maria*.

Nesse caso, uma ocorrência com valor descritivo e uma ocorrência que remete a uma avaliação subjetiva são, igualmente, o resultado do modo como a unidade “sacrificar” é colocada em relação com outras unidades e do cenário psicossociológico em relação ao qual o valor visado será construído. Para observarmos, para além do jogo de relações predicativas, também o jogo de relações enunciativas que dialogam com (1), passemos a considerar os seguintes enunciados:

(6) *O Homem de Ferro se sacrificou, **dando sua vida** para derrotar Thanos com as Joias do Infinito.*

- (7) *O Homem de Ferro se sacrificou **sem medo** para derrotar Thanos.*
- (8) *O Homem de Ferro se sacrificou **com coragem** para derrotar Thanos.*
- (9) *O Homem de Ferro se sacrificou, **conseguindo** derrotar Thanos.*
- (10) *O Homem de Ferro se sacrificou **tanto que conseguiu** derrotar Thanos.*
- (11) *O Homem de Ferro se sacrificou **demasiado** para derrotar Thanos.*
- (12) *O Homem de Ferro se sacrificou **totalmente** para derrotar Thanos.*

As ocorrências de (6) a (12) reforçam a reflexividade atribuída a *SE*, tal como faz, no enunciado de partida, a unidade *morrendo*. As marcas aspecto-modais *dando sua vida*, *sem medo*, *com coragem*, *conseguindo*, *tanto que conseguiu*, *demasiado*, *totalmente* marcam a entrada da representação no interior do domínio de validação do predicado (*alguém ter se sacrificado é o caso*). Em (12) o termo *totalmente* expande em grau máximo a validação da predicação *sacrificar* ao termo *Homem de Ferro*, isto é, reforça e enfatiza a obtenção de um resultado para a construção da representação, *alguém ter se sacrificado é o caso*. Por sua vez, vejamos:

- (13) *O Homem de Ferro se sacrificou **pouco** para derrotar Thanos.*
- (14) *O Homem de Ferro se sacrificou **até onde podia** para derrotar Thanos.*
- (15) *O Homem de Ferro se sacrificou, **mas foi pouco**, para derrotar Thanos.*
- (16) *O Homem de Ferro se sacrificou (**muito**), **mas conseguiu** derrotar Thanos.*
- (17) *O Homem de Ferro se sacrificou **de verdade** para derrotar Thanos?*

As marcas aspecto-modais *pouco, até onde podia, mas foi pouco, muito, mas conseguiu, de verdade* situam a representação na fronteira do gradiente de ocorrências, ou seja, temos enunciados que são o caso até certo ponto ou que já não são o caso ainda o sendo. Em outras palavras, cria-se uma incerteza que não possibilita a estabilização do projeto de predicado intuído. Abre-se a possibilidade de instanciação a ocorrências imprevisíveis (*alguém ter se sacrificado pode ser ou não ser o caso*).

Em (17), *de verdade* aponta para o exterior do domínio e questiona a antecipação de atribuição do predicado ao argumento. Em outras palavras, na situação enunciativa dada, *de verdade* sinaliza um obstáculo à instanciação da base nominal (Homem de Ferro) ao predicado *sacrificar*. A determinação da identidade do sujeito (aquele que sacrifica; aquele que é sacrificado) não prescinde do processo *sacrificar*.

Retratamos essa estabilidade provisória em uma outra formulação: *O Homem de Ferro se sacrificou mesmo para derrotar Thanos? Isso é certeza? Realmente ele se sacrificou?* Os termos negritados, tal como *de verdade*, explicitam a presença de forças desfavoráveis na trajetória de construção da representação que questionam a validação da predicação.

Diferentemente, as ocorrências de (13) a (16) apontam para o interior do domínio de validação, para a possível obtenção de um estado resultante. Através da quantificação (levantamento de propriedades) qualifica-se que foi suficiente o tanto (*pouco, até onde podia, mas foi pouco, muito, mas conseguiu*) sacrificado por Homem de Ferro, ainda que se possa questionar se Homem de Ferro foi sacrificado.

Considerem-se outros enunciados.

(18) *O Homem de Ferro se sacrificou, sem dar sua vida para derrotar Thanos com as Joias do Infinito. (O Homem de Ferro se sacrificou?).*

(19) *O Homem de Ferro não se sacrificou para derrotar Thanos.*

(20) *O Homem de Ferro nada se sacrificou para derrotar Thanos.*

(21) *O Homem de Ferro se sacrificou coisa nenhuma para derrotar Thanos.*

(22) *O Homem de Ferro se sacrificou (muito), mas não conseguiu derrotar Thanos.*

As ocorrências instanciam a representação no exterior do domínio de validação, aquelas que já não são o caso. Os contextos encaixantes, por meio das marcas aspecto-modais, *sem dar sua vida, não, nada, coisa nenhuma, muito, mas não conseguiu*, dão a conhecer que o predicado não foi validado, ou seja, o evento denotado pelo verbo *sacrificar* dentro do processo de atribuição de propriedades ao argumento *Homem de Ferro* não foi ratificado, por conta de uma força maior que pode bloquear o projeto desencadeado na origem. Abre-se a representação a outras possibilidades de estabilização.

Dito isso, é preciso destacar que a teorização gramatical, ao tomar o valor de superfície, apresenta a reflexividade de *SE* como propriedade da língua. Os exemplos reflexivos encontrados nos manuais mostram a “coincidência entre a função de atribuição de propriedades e um estado convencional, adequado das representações em um mundo empírico particular” (REZENDE, 2000, p. 126).

Ilustramos com os exemplos acima que, se *SE* marca uma identificação entre A e B no plano do conteúdo, no esquema primitivo (léxis) essa identificação é construída mediante operações que sustentam o equilíbrio dinâmico das unidades. Por meio das diferentes contextualizações da unidade, em articulação com marcas aspectuais, modalidades, diátese e determinação, podemos apreender movimentos de pressão sobre

as unidades. Tais forças, como causalidade, podem manter a unidade em um determinado ponto ou deslocá-la para outro no espaço/tempo; pode inflá-la, derramá-la, robustecê-la, esvaziá-la de força, e assim por diante.

São esses deslocamentos no contínuo espaço-temporal que dão por conhecer a trajetória de construção da representação, ou seja, os pontos que toda representação trilha entre a existência e a não existência. Desse modo, passamos a diluir o jogo opositivo entre processos transitivos, intransitivos e reflexivos. Em nossa perspectiva sempre temos transitividade, tal como afirmou Rezende (2000), tomada como rede de causalidade.

Explicitamos essa rede de forças causais com um outro enunciado: *Pedro vinha caminhando feliz e contente. De repente, caiu.*

A representação *Pedro vinha caminhando feliz e contente*, que caminhava na direção do centro de validação, *Pedro que caminha*, muda de direção, passa a caminhar em sentido oposto ao interior. O termo *caminha* remete a um *evento* que se desdobra no tempo. *Vinha*, remete a esse desdobramento que ocorre até então sem bloqueios. Por sua vez, a inclusão das marcas *de repente* e *caiu* sinalizam um bloqueio ao desdobramento ensejado. *Caiu* remete ao *deixar de ser* do evento *caminhar*.

Vejam os que temos forças em processo de equilíbrio, seja no plano de atribuição do predicado ao argumento que pode estar dificultando ou favorecendo que o predicado seja atribuído ao argumento, seja no plano do evento *caminhar*, que pode estar favorecendo ou dificultando que ele se desenvolva e chegue a bom termo.

Retomemos o enunciado de partida: **Enquanto que o Homem de Ferro se sacrificou, morrendo para derrotar Thanos com as Joias do Infinito.**

Em linhas gerais, podemos dizer que “sacrificar” é o evento pelo qual um agente transforma um objeto em sacrificado. Assim, deriva-se:

(a) *Alguém faz que Homem de Ferro transforme Homem de Ferro em sacrificado*: Homem de Ferro **se** sacrificou.

(b) *Alguém faz que Homem de Ferro transforme Thanos em sacrificado*: Homem de Ferro sacrificou Thanos.

Em outros desdobramentos:

(c) *Alguém faz que Homem de Ferro transforme Homem de Ferro em apaixonado*: Homem de Ferro **se** apaixonou.

(d) *Alguém faz que Homem de Ferro transforme Pepper Potts em apaixonada*. Homem de Ferro deixou Pepper Potts apaixonada.

Pergunta-se: a reflexividade é uma propriedade de *SE* ou do sujeito que relaciona léxico e gramática para construir esse valor? Para os estudos gramaticais, quando o agente se descobre objetivo, como é o caso da reflexividade, o agente não é agente e o objetivo não é objetivo, ou seja, não há transitividade. Depreende-se que a identidade do sujeito gramatical e do complemento são coincidentes, idênticos, haja vista que, em uma relação de igualdade presume-se a inexistência de desvios, incongruências entre dois ou mais elementos comparados.

Com essa visão teórica em destaque, atentemo-nos para os enunciados que seguem:

(23) *O Homem de Ferro usando as Joias do Infinito, sacrificou Thanos.*

No enunciado, *alguém faz alguma coisa em relação a alguém que é outro*. Os termos *usando as Joias do Infinito* marcam a entrada da representação no (interior do)

domínio de validação do predicado e assim coaduna para a construção de um valor detrimental para *sacrificar*. Com efeito, constrói-se um determinado valor resultante: *o sacrifício de Thanos* ou *Thanos sacrificado*. Podemos ter formulações como: *O Homem de Ferro sacrificou totalmente Thanos; Thanos foi devidamente sacrificado pelo Homem de Ferro; O Homem de Ferro sacrificou fortemente Thanos.*

(24) *O Homem de Ferro sacrificou Thanos, que usava as Joias do Infinito.*

Na formulação, *alguém faz alguma coisa em relação a alguém que é outro*, e o outro delimita o espaço do *sacrifício*. Os termos *que usava as Joias do Infinito* é o que assegura a estabilidade do espaço para que uma ocorrência de *sacrifício* se construa. Porém, o espaço não ratifica a validação do predicado. Ficamos com uma representação oscilante (*sacrifício de Thanos* e o ato de sacrificar por Homem de Ferro é uma possibilidade), na fronteira do domínio de validação que carece de asserções futuras para ser validada.

Vejamus que tanto em (23) quanto em (24) ficamos com a intuição de que o Homem de Ferro é a origem do processo sacrificar, que busca dar forma à predicação de *alguma coisa que alguém faz em relação a alguém que é outro*, construindo-se, assim, o prejuízo de alguém que é outro (Thanos). O prejuízo, nesse caso, é o resultado de um processo de construção de um projeto de predicado numa dada situação enunciativa. Embora a tradição lógica nos tenha ensinado a pensar que a predicação “acrescenta” propriedades, estamos observando que, em certos casos, as propriedades atribuíveis podem ser muito mais “em prejuízo” do que “em favor” de alguém.

Em (23) as marcas do contexto encaixante ratificam tal orientação. Já em (24), não temos marcas aspecto-modais nem favoráveis e nem contrárias à validação do projeto de predicado. A construção *que usava as Joias do Infinito* passa a intuição de existência da representação, ou seja, a intuição de que o predicado foi validado por meio da delimitação do espaço. Porém, como já dito, não chegamos ao estado resultativo *Thanos sacrificado* ou *o sacrifício de Thanos*. Se, por um lado, a representação visada é Thanos de outro modo, por outro lado, a representação estabilizada é Thanos de um certo modo.

Isso faz-nos lançar a hipótese de que os estudos tradicionais ao visarem a estrutura sintática das composições frasais em detrimento da compreensão dos processos construtores de significação, dão a mesma explicação para (23) e (24), como exemplares de transitividade, mudança, passagem de um estado para outro, isto é, *alguma coisa outra, diferente da origem, se transforma*. Como nem sempre o projeto de predicado nem sempre é levado a bom termo, eventuais obstáculos ou a ausência de asserções que validem o projeto de predicação podem se fazer presentes na trajetória de determinação do conteúdo.

Façamos algumas outras inferências acerca da rotulagem metalinguística de transitividade *stricto sensu* com as seguintes ocorrências:

(25) *A NASA sacrificou nossas esperanças de morar no planeta Júpiter.*

(26) *O homem sacrifica a fauna e a flora do pantanal mato-grossense.*

(27) *Pedro sacrificou a criança com deficiência jogando-a no rio.*

Conforme os estudos gramaticais, as formulações (25), (26) e (27) são consideradas exemplos ilustrativos de transitividade verbal, haja vista que presumem agentividade dos sujeitos gramaticais (NASA, homem, Pedro); presume-se que o processo verbal (sacrificar) sempre se desenvolve sem encontrar obstáculos; presume-se

que os complementos (esperanças, fauna e flora, criança) estão transformados pelo processo verbal (de outro modo); presume-se que os complementos são sempre diferentes dos sujeitos gramaticais, e assim por diante.

Reiteramos que todos esses aspectos que a tradição trata como dado, a atividade cognitiva dos sujeitos trata como experiência. Se, por um lado, o dado é compreendido como um todo pronto e acabado, a experiência o compreende como fragmentos. Logo, são esses fragmentos que vão servir de matéria-prima à simbolização.

Em nossa perspectiva têm pouca importância as polarizações causa x consequência, transitivo x reflexivo, haja vista que o arcabouço teórico que sustenta nossas reflexões trabalha com operações, com processos de construção de categorias, e não com classificações. Logo, nosso esforço é visualizar *SE* como marcador de operações linguísticas que situa representações em relação a uma situação particular de diálogo, e não como expressão de uma categoria, seja ela a de reflexividade ou qualquer outra nomenclatura que lhe for atribuída.

Reiteramos que, no núcleo semântico de orientação, que tem uma origem que caminha na direção de um objetivo, os espaços constituintes do esquema inicial dependem das propriedades (animado e inanimado, determinado e indeterminado, único e múltiplo, processo e estado, etc.) dos argumentos que são relacionados por um relator. A relação primitiva, tal como afirmamos acima, assegura as relações entre esquemas de funcionamento sintático e os efeitos semânticos que se espera obter.

Em resumo, formalizamos essa compreensão como:

1. *Alguém 1* → remete à propriedade agentiva (origem dotada de força suficiente e necessária para, através de um certo evento, se obter a transformação de um objetivo);
2. *sacrificar* → remete à transitividade (processo pelo qual SEMPRE se obtém transformação de um objetivo);
3. *Alguém 2* → remete a estado resultante (um objetivo SEMPRE transformado pelo evento).

Para as análises estruturais, 1, 2, e 3 são propriedades presumidas, isto é, antes mesmo de se proceder à análise já se toma 1, 2 e 3 como certas. As intuições de 1, 2 e 3, também são operatórias para o sujeito na atividade de linguagem. Vejamos:

(28) *O Homem de Ferro sacrificou ...* [argumento com as propriedades de 3]

(29) *O Homem de Ferro se ...* [processo com as propriedades de 2].

Notemos que ambas intuições (28) e (29) remetem à transitividade, não como categoria sintática tradicional, em que a forma verbal necessita ou não de um complemento para integrar seu sentido, mas como propriedade causal, elemento que organiza as relações entre as noções com valor predicativo que ao trilharem o caminho aspecto-modal.

Dentro dessa perspectiva operatória fica difícil afirmar que (28) retoma processos transitivos (movimento em direção a um outro, a transformação) e (29) retoma processos intransitivos, reflexivos (movimento em direção a um mesmo, não-transformação), tal como asseveram as análises estruturais.

Observemos que (28) *O Homem de Ferro se [...]* convoca certas unidades, tais como *apaixonar*, *arrepender*, *silenciar*, *deitar*, *queixar* etc. a instanciar o espaço de processo que remete a propriedades pelo qual se obtém transformação de um objetivo. Porém, não está construído, determinado e nem antecipado no projeto de predicado



(relação primitiva) que os argumentos se identificam. Tanto pode estar construído para os sujeitos que os argumentos eventualmente se identificam.

Ainda que o *SE* passe a ideia de que os argumentos entram na representação enunciativa já identificados, isso só é possível porque outras marcas do contexto encaixante também estão contribuindo para a construção da representação desse estado de coisas. Confunde-se, por esse viés, identidade, enquanto determinação nocional, argumentos já instanciados no esquema primitivo, e identificação que corresponde à instanciação nocional, ao movimento de forças que se deslocam em diferentes direções para constituir o enunciado.

Com efeito, o *SE* antecipa o resultado da operação de localização-identificação que é geradora e delimitadora de valores para as unidades. Essa intuição de antecipação que *SE* desencadeia pode ser observada em uma formulação como: *A mãe se sacrificou pelo filho doente? A ocorrência projeta a existência (está sendo buscado a extensão de *sacrificador*) de uma possível categoria de *sacrificadores*, um preconstructo que passa a percepção de coisa já existente, antes mesmo de existir, na tentativa de se estabilizar uma ocorrência de predicado (*sacrificadores*) que venha a ser ratificado por marcas assertivas e modalidades.*

O espaço a ser preenchido ao lado do *SE* (seja de esquerda ou de direita), ao convocar um termo processual, que remete às propriedades pelas quais se obtém transformação de um objetivo, explicitam que só temos reflexividade (valor de superfície) porque no plano semântico, no plano do potencial de vir a ser (inferior), temos transitividade (causalidade), forças necessárias para deslançar a construção das representações que em língua conhecemos como reflexividade.

No enunciado (1), a articulação das formas *enquanto* (delimitação temporal que diferencia o instante da enunciação e o instante do enunciado), *morrendo* (aspecto imperfectivo), *sacrificou* (aspecto perfectivo com configuração de um intervalo de tempo específico, um evento concluído) e *derrotar* (aspecto que sinaliza o caminho positivo à existência da representação visada) marcam a validação da relação (*alguém ter se sacrificado é o caso*) e localizam a representação no interior do domínio. A forma verbal *morrer* contribui para a ratificação do valor reflexivo atribuído ao termo *SE*. Não fosse *morrer*, ficaríamos na bifurcação dada pelo projeto de predicado <*alguém ter sacrificado alguém*> ou <*um ato de sacrificar alguém por alguém*>, aguardando por asserções futuras que eventualmente o projeto de predicado.

## Considerações finais

Este texto se propôs apresentar, pelo viés da TOPE, a hipótese de que a reflexividade de *SE* resulta de uma trajetória que envolve representações heterogêneas, portanto, indeterminadas. Pelo ajuste entre as operações predicativas e enunciativas, a passagem de um nível languageiro ao nível linguístico, notamos nas contextualizações com *SE* que a relação entre a unidade e o valor (reflexivo) flutua mediante as modulações do conteúdo (variação espaço-temporal) ou da asserção (variação nos modos de validação; variação nas tomadas de posição sobre o conteúdo).

Conclui-se que *SE* remete a uma memória enunciativa antecipada de identificação dos argumentos a e b do esquema <*aRb*> e que são as marcas de asserção que nos permitem dizer que passamos de uma possível reflexividade (projeção de predicado) para uma reflexividade de fato (ocorrência de predicado). Com efeito, o valor da unidade se determina em razão dos modos pelos quais ela é colocada em relação com outras unidades.





## REFERÊNCIAS

- ALMENDRA, M. A.; FIGUEIREDO, J. N. **Compêndio de Gramática Latina**. Portugal: Bloco Gráfico LDA, 1999.
- AZEREDO, J. C. de. **Fundamentos de gramática do português**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.
- AZEREDO, J. C. de. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2010.
- CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**: domaine notionnel. Paris: Ophrys, 1999b. Tomo 3.
- CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**: formalisation et opérations de repérage. Paris: Ophrys, 1999a. Tomo 2.
- CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**: opérations et représentations. Paris: Ophrys, 1990. Tomo 1.
- MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível**. Trad. GIANOTTI, J. A.; OLIVEIRA, A. M. São Paulo: Perspectiva, 2014 [1964].
- PIERRE, W. **A lógica**. Trad. MARCIONILO, M. São Paulo: Parábola, 2009, [1963].
- REZENDE, L. M. A. A indeterminação da linguagem: sintaxe e léxico. In: *Alfa*, São Paulo, n. 34, 2000.
- REZENDE, L. M. A. **Léxico e gramática**: aproximação de problemas linguísticos com educacionais. 320 f. Tese (Livro docência) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara: SP, 2000.
- RIBEIRO, J. **Grammatica portugueza**. 19. ed. São Paulo: Francisco Alves, 1920.
- SAID ALI, M. **Gramatica Elementar da Língua Portuguesa**. 9. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1966.
- SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Trad. CHELINI, A. et al. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916]
- SOUZA, F. G. **Estudo da Marca SE do Ponto de Vista da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas**: Contribuição para o Estudo da Transitividade e dos Processos Reflexivos em Língua Portuguesa. 142 f. Doutorado (Dissertação em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres: MT, 2022.

**Recebido em junho de 2022.**  
**Aprovado em agosto de 2022.**

### Como citar este trabalho:

---

SOUZA, F. G. de; PRIA, A. D. A reflexividade de *SE* pelo viés da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas. **Traços de Linguagem**, v. 5, n. 2, p. 32-46, 2021.

---